



**HERMENÊUTICA E EXPERIÊNCIA
PENTECOSTAL**

Amélia Lemos Oliveira

HERMENÊUTICA E EXPERIÊNCIA PENTECOSTAL

Amélia Lemos Oliveira¹

RESUMO:

A proposta deste artigo é contribuir para a valorização do texto bíblico e qualificar a importância da narrativa para a formação do caráter cristão e a possibilidade de se garantir novas experiências. A leitura reverente do pentecostal orienta a formação de uma identidade e ações firmadas nos princípios e doutrinas estabelecidos na Palavra. Portanto, as histórias bíblicas são as histórias do e para o povo de Deus, para quem crer e dela se apropriar. É necessário rejeitar o subjetivismo e o sentimentalismo, pois não há possibilidade de se fundamentar na experiência alheia para interpretar o texto, mas no texto em relação com outros textos, porque a Bíblia interpreta a própria Bíblia. Que o afeto seja direcionado à Palavra e não para afetações que apenas conflitos provocam.

Palavras-chave: Texto-bíblico; Narrativa; Experiências; Leitura; Subjetivismo

ABSTRACT:

The proposition of this article is to contribute for the biblical text valorization and to qualify the narrative importance to the formation from christian character and to guarantee new experiences possibility. The pentecostal reverent

1 Amélia Lemos Oliveira é professora na Rede Municipal de São Paulo e na Faculdade Evangélica de São Paulo. Membro do Centro de Pesquisa Pentecostal. Bacharel, Licenciada e pós graduada em Letras, Licenciada em Pedagogia, Bacharel em Teologia. Pós graduada em Museologia. Escreveu diversos artigos para a Cadeira de Metodologia Científica na FAESP.



reading guides the identity and actions formation, on the Word principles and doctrines established. Therefore, the biblical histories are the histories from and to the God's people, for who believes and from itself appropriate. It is necessary to refuse the subjetivism and sentimentlism, since it doesn't have possibility of give proves on the others experience for to make the text clear, however in the text in relation with other texts, because the Bible interprets the proper Bible. As the affection be directed to the Word and doesn't to the affects that only conflicts cause.

Key-words: Biblical Text; Narrative; Experiences; Reading; Subjetivism.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é apresentar as relações que o leitor deve estabelecer entre o texto bíblico, sua vivência e interpretação. Durante este processo, se estabelece uma espécie de diálogo no qual o leitor (principalmente o pentecostal) se compromete a experienciar as promessas de Atos, revivendo a história da narrativa bíblica.

Avaliar o texto bíblico e atentar para a sua função, propósito do texto, o que tenciona ensinar e a forma de apresentação (estética textual), são pré-requisitos para compreender o texto em seu contexto.

De que forma poderemos dizer que a Bíblia é autointerpretativa? É o que se cogita apresentar no horizonte das expectativas de quem o examinará. Como texto literário, a Bíblia atende às necessidades do leitor? Sua mensagem atende às expectativas?

Para a maioria é plenamente compreensível que não houve contradição alguma no texto bíblico e o poder desta obra vem transpondo os séculos, realizando transformações na história das pessoas e rupturas em suas vidas. A Bíblia não passa por um processo de evolução literária porque a sua escrita é perfeitamente completa do início ao final, caracterizada pela inerrância e verossimilhança.

Sendo assim, a Palavra de Deus conduz o leitor a uma nova percepção de mundo, repercutindo em seu comportamento social e na sua vida espiritual.

Estudar as Santas Escrituras é uma atividade ímpar que requer desvelo, extrema precaução no que diz respeito à interpretação do texto sagrado. Há que se considerar a Regra Áurea adotada na Reforma Protestante²: “A Bíblia interpreta a própria Bíblia”. Toda mensagem bíblica é detentora da comprovação implícita na Carta Magna que o Senhor nos concedeu e conosco ainda se comunica.

A disseminação da leitura da Bíblia, no período da Reforma, quando, segundo Lutero, um camponês poderia desafiar até o Papa se estivesse empossado do texto bíblico, causa perplexidade, pois não há condições de se comparar o nível de leitura de ambos. Não se trata de preconceitos a classes sociais, mas é necessário avaliar que, para se compreender corretamente o texto, deve-se, em primeira instância, decifrá-lo literalmente.

Como único princípio / regra de fé e prática, a leitura da Bíblia nas congregações, para adultos e crianças, também foi usada como instrumento que auxiliou na leitura, naquela época e em muitas igrejas na atualidade, imprescindível para a formação cristã e ética de um povo que aprendeu a se conduzir de forma piedosa, buscar a Deus e devotar-se

2 Movimento reformista que teve seu auge no século XVI quando Martinho Lutero afixou 95 teses (que contestavam a venda de indulgências na Igreja Católica) na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg na Alemanha.



à leitura da Palavra, seguindo um rastro de caráter conservador, pois se enfatizava a santificação no aspecto prático. Também foi verificado um vertiginoso crescimento do novo grupo religioso surgido, dada a ênfase ao Evangelismo, mais experiências pessoais (para testemunho) e menos doutrina, bem como mais atenção às pessoas mais humildes.

Não há nenhuma dúvida que a Bíblia é uma dádiva divina, uma concessão do Senhor ao Seu povo (Sl 68.11), um livro no qual seus registros, devem ser guardados na memória. O Livro do Senhor (Is 34.16), a Palavra de Deus (Ef 6.17; Mc 7.13), as Santas Escrituras (Rm 1.2), chamadas de Bíblia, receberam este nome por causa de *Biblia*, o plural grego de *biblion* – livro. Um termo originário da cidade fenícia *Biblos*, centro produtor de papiro. Escrita por cerca de 45 (quarenta e cinco) homens, escolhidos por Deus, num período de 1.600 anos, sem apresentar contradições e revelar a mesma mensagem do início ao final.

Sendo assim, não há como duvidar da veracidade destes escritos, nem de interpretá-lo ao bel-prazer porque o Autor desta Palavra é o Espírito Santo. Ele esteve na direção, orientando os escritores acerca do conteúdo, sem deixar de permitir que estes homens mantivessem seu estilo pessoal na escrita, como atesta Pedro: “Porque nunca, jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.” (II Pe 1.21-ACF). O livro, cujo único orientador, é o Espírito Santo também instrui o entendimento humano para a interpretação: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (Jo 14:26-ACF).

Diversas vezes, vemos os profetas dizendo: “Veio a mim a Palavra do Senhor.” (Jr 1.4; Mq 1.1; Is 1.2). O Senhor também ordenou: “Escreve num livro todas as palavras que

te tenho dito” (Jr 30.2; 36.2; Hc 2.1,2). Deus tomou as medidas necessárias para que houvesse o registro de tudo aquilo que Ele quis e comunicou ao homem para que todos recebessem orientação em sua trajetória, tomassem conhecimento de Suas Palavras, de Suas revelações, do Plano de Redenção, das maravilhas que já havia operado e tencionava operar.

Bérgsten (1999, p.15) ressalta a importância da inspiração das Santas Escrituras quando enfatiza que

Isaías menciona 120 vezes que o Senhor lhe falou, Jeremias 430 vezes e Ezequiel 329 vezes. Outros registraram acontecimentos, assim como se escreve memória histórica (Ex 17.14). Outros examinaram minuciosamente aquilo sobre o qual receberam direção para escrever (Lc 1.3). Outros receberam a mensagem por revelação (At.22.14-17; Gl 1.11,12,15,16; Ef 3.1-8; Dn 10.1 etc.), e alguns receberam sonhos e visões (Dn 7.1; Ez 1.1; II Co 12.1-3), mas todos escreveram o que receberam pela inspiração do Espírito Santo, e podiam dizer: “Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei (I Co 11.23; 15.3).

Interpretar as Santas Escrituras é tarefa que envolve suor, habilidade e caráter transformado, regenerado, porque apenas leitores inteligentes, sinceros e comprometidos com os ensinamentos bíblicos estão dispostos para se apropriar da Palavra e obedecê-la. A intertextualidade (ler um texto e lembrar-se de outros textos relacionados ao mesmo assunto, ou seja, um texto faz remissão a outros textos) também faz parte do processo de leitura, é algo concomitante neste processo. Daí a necessidade de se cultivar a mente de Cristo, não ser contencioso (I Co 2.15,16- ACF). Pois o ato de refletir, envolve pensar em novas questões. Uma questão



conduz a outra e o caminho para se compreendê-la é abrangente e extenso, o que segundo Starling (2019, p.21), envolve a possibilidade de “múltiplos significados possíveis de um texto, em virtude da diversidade de motivos e pré-entendimentos que diferentes leitores trazem para o texto por causa das disfunções pecaminosas que distorcem nossa compreensão e comunicação.”

As inúmeras maneiras de se ler o mundo são formas que impedem os homens de compreender as verdadeiras motivações subentendidas nas Santas Escrituras, haja vista que a Lei Magna da Hermenêutica que indica uma Bíblia autointerpretativa, esclarece que nem todos os homens estão aptos a compreendê-la, logo precisam ser regenerados e alcançar o favor imerecido de Deus: a graça transformadora. O homem regenerado que se revista de amor, coragem, generosidade e humildade está devidamente preparado para a tarefa.

Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. (2 Co 4:3,4- ACF)

Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. (Pv 3:5- ACF)

A Reforma Protestante, de acordo com Starling (2019, *apud* VANHOOZER, 2006, p.25), possibilitou, às pessoas, o contato com as Escrituras e Lutero³, plenamente entusiasmado com a oportunidade de colocar a Bíblia, nas mãos do povo,

3 Martinho Lutero era um monge agostiniano e professor de Teologia alemão. Personagem central da Reforma Protestante. Fundador da Igreja Luterana.

Afirmou que qualquer cristão tinha o direito de interpretar a Bíblia. Asseverou também a perspicuidade ou clareza da Bíblia, alegando que o significado era claro para quem presta atenção à gramática do texto e à liderança do Espírito. Calvino, da mesma forma, defendeu que o significado e autoridade da Escritura não dependiam da Igreja. Pelo contrário, “a Escritura interpreta a própria Escritura”. Com esta frase, os reformadores indicavam que as passagens obscuras deveriam ser lidas à luz das mais claras.

Dessa forma, a análise do texto deve considerar os princípios e doutrinas que foram recomendados para o povo de Deus, bem como as narrativas que contém lições morais, as poesias repletas de ensinamentos acerca da vida, as profecias que tratam do futuro e advertem acerca dos cuidados em relação a ele, as epístolas que dialogam e direcionam os fiéis a viverem numa nova dimensão de vida em Cristo. É o ato de conhecer o passado e estabelecer relações com o presente. A partir de então, reunir condições de escolher o melhor caminho e dar sentido às suas experiências.

A Lei Divina contém os princípios que fornecem a instrução moral que deve ser internalizada e orientar a nossa conduta:

Princípios são um conjunto de normas ou padrões de conduta a serem seguidos por uma pessoa ou instituição.

A conceituação dos princípios está relacionada ao começo ou início de algo. São os pontos considerados iniciais para um determinado assunto



ou questão. O termo tem origem do latim *principiūm*, que significa “origem”, “causa próxima”, ou “início”.

Os princípios também podem estar associados às proposições ou normas fundamentais que norteiam os estudos, sobretudo os que regem o pensamento e a conduta (Disponível em: <https://www.significados.com.br/principios/>. Acesso em 22.jan 2020)

Samuel S. Gomes (2020) fala sobre a importância da doutrina e a conceituação, sem deixar de citar a origem dos termos. Isto mostra a importância da Palavra de Deus para que se aprenda a vivê-la segundo as propostas que ela traz para o cotidiano, cumprindo seus princípios e apreendendo as promessas que são entregues aos que dela se apropriaram.

A palavra *doutrina*, tal como conhecemos em nosso idioma, vem da língua latina (*doctrina*) e significa *ensino*.

No Antigo Testamento, a palavra *doutrina* traz a ideia de um corpo de ensinamentos revelados. Temos duas palavras no Antigo Testamento que trazem a ideia de *doutrina*. A primeira é a palavra *leqach* (lê-se *lecar*) que significa “o que é recebido” e aparece em Dt 32.2; Jó 11.4; Pv 4.2; Is 29.24.[5]

A segunda palavra é o substantivo *torah*. Esta palavra é bem conhecida por nós. Ela transmite a ideia de um corpo de ensino. Seu significado é *instrução, ditame, direção, lei*. Esta palavra é usada para se referir aos cinco primeiros livros da Bíblia, também chamados de Pentateuco.

No Novo Testamento temos também duas palavras. A primeira é a palavra *didaskalia* que é uma palavra polissêmica. Ela significa tanto o ato como o conteúdo. Em Rm 12.7; Rm 15.4; 2Tm 3.16 a palavra significa *instrução, ensino* num sentido ativo. Num sentido mais passivo (aquilo que é ensinado), a palavra aparece em Mc 7.7; Cl 2.22; 1Tm 1.10; 4.6; 2Tm 3.10; Tt 1.9.

A segunda palavra é *didaquê*. Esta palavra também significa tanto o ato de ensinar como o conteúdo do ensino. Ela se refere ao ensino de Jesus (Mt 7.28: "... estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina e que seu ensino era de origem divina (Jo 7.16,17). Com o significado de *ensino* como uma atividade, *instrução*, a palavra aparece em Mc 4.2; 1Co 14.6; 2Tm 4.2. Em um sentido passivo (o que é ensinado), *ensino, instrução*, ela aparece em Mt 16.12; Mc 1.27; Jo 7.16,17 [*in loco*]; Rm 16.17; Ap 2.14.

(Disponível em: <https://blogtentendes.wordpress.com/2017/01/30/os-tres-tipos-de-doutrinas/>. Acesso em 22 jan 2010).

No quadro abaixo, estão descritos os princípios e as doutrinas que deles derivam, ou seja, os ensinamentos que deles é possível extrair para sua vivência prática:

Sete princípios éticos estabelecidos por Deus	O que a Teologia Sistemática (doutrina) aborda a respeito dos princípios
Princípio do domínio sobre a criação na Terra – Gn 1.26-28	O homem foi criado por Deus à Sua imagem, portanto a posição de domínio lhe é adequada. Gn 1. 26,27
Princípio da sexualidade – Gn 1.26-28; 2.18-23	Por causa de suas faculdades intelectuais, o homem nomeou os todos animais. Gn 2.19,20



Princípio da igualdade - Gn 3.22,23	O pecado trouxe desigualdade nos relacionamentos, até mesmo a sujeição da mulher – Gn 3.16
Princípio do Trabalho – Gn. 2.15	O trabalho se tornou duro e penoso por causa do pecado. É o labor de todo homem – Gn 3. 17-19
Princípio da liberdade - Gn 2. 16,17; 3.16-18	O homem possui liberdade de escolha: de obedecer ou não (Rm 2.6-11; Lc 10.42)
Princípio da sociabilidade – Gn 2.18; 6.8; 12.1	O homem se relacionava com Deus no Jardim do Éden (relação que foi cortada por causa do pecado) – Gn 3. 8-10
Princípio da família monogâmica – Gn 2.24	Deus criou uma só mulher para coabitar com o primeiro homem-. Gn 1.27

Tabela 1 – Princípios éticos e doutrina

Observa-se, portanto, os princípios éticos, por Deus estabelecidos, registrados nas Sagradas Escrituras, em Gn 1.26 a 2.25, trazem normas propostas para a Humanidade desde o início de tudo, normas estas que são válidas até os nossos dias. A doutrina, por sua vez, envolve os ensinamentos que geram comportamento. Tudo que se faz, é realizado por causa de um determinado ensino. Os princípios éticos foram estabelecidos não só para o povo israelita, mas os 613 mandamentos da Lei são a doutrina escrita apenas para este povo.

1] “...As Sete Leis de Noah são genericamente: *Avodah zarah* - Não cometer idolatria. *Shefichat damim* - Não assassinar. *Gezel* - Não roubar. *Gilui arayot* - Não cometer imoralidades sexuais. *Birkat Hashem* - Não blasfemar. *Ever min ha-chai* - Não maltratar aos animais. *Dinim* - Estabelecer

sistemas e leis de honestidade e justiça...” (Leis de Noé. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Leis_de_No%C3%A9, Acesso em 04 nov. 2014).

[1] No Talmude Babilônico, no tratado *Sanhedrin* 56 a-b, encontramos a descrição destes princípios que estariam presentes na ordem dada por Deus ao homem, “*in verbis*”: “... Nossos Rabbis ensinaram: sete preceitos foram ordenados aos filhos de Noé: leis sociais para prevenir a blasfêmia, idolatria, adultério, derramamento de sangue, roubo e comer carne cortada de um animal vivo. (...). Rabbi Johanan respondeu: O escrito diz: E o Senhor Deus ordenou o homem dizendo: de toda a árvore do jardim comerás livremente. E [Ele] ordenou refere-se [a observância] leis sociais, e, por isso, está escrito Porque eu o tenho conhecido, que ele há de ordenar a seus filhos e a sua casa depois dele, para que guardem o caminho do SENHOR, para agirem com justiça e juízo [Gn.18:19]. O Senhor — é [uma proibição contra] a blasfêmia, e, por isso, está escrito: Aquele que blasfemar o nome do SENHOR será morto [Lv.27:16]. Deus — é [uma injunção contra] a idolatria, pois está escrito, Não terás outros deuses diante de Mim [Ex.20:3]. O homem — refere-se ao derramamento de sangue [assassinato], pois está escrito: Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; [Gn.9:6] – Dizendo – refere-se ao adultério, pois está escrito: Eles dizem: Se um homem despedir sua mulher, e ela se ausentar dele e se ajuntar a outro homem [Jr.3:1]. – De toda árvore do jardim — proibição do roubo [desde que era necessário autorizar Adão para comer das árvores do jardim, segue-se que, sem tal



autorização, i.e., quando algo pertence a outrem — isto é proibido — nota do editor] — Comerás livremente — proibição de consumo carne cortada de um animal vivo [interpretando isso: comerás livremente daquilo que está pronto para comer, mas não de um animal enquanto está ainda vivo... - nota do editor]. Quando veio o Rabbi Isaac, ele ensinou uma interpretação diferente. E Ele ordenou — refere-se à idolatria; Deus [hebraico “*Elohim*”] para a lei social. Agora “Deus” se refere corretamente a leis sociais, pois está escrito, Se o ladrão não se achar, então, o dono da casa será levado diante dos *’elohim* [juízes] [Ex.22:8]. Mas como “e Ele ordenou” significa a proibição da idolatria? — Rabbi Hisda e Rabbi Isaac ben Abdimi- uns citaram o verso e depressa se tem desviado do caminho que eu lhes tinha ordenado; fizeram para si um bezerro de fundição etc. [Ex.32:8]. E outros citaram Efraim está oprimido e quebrantado no juízo, porque quis andar após a vaidade [Os.5:11] [Ex.32:8]....” (Disponível em: http://www.come-and-hear.com/sanhedrin/sanhedrin_56.html#56b. Acesso em 17 ago. 2015 (tradução nossa de texto original em inglês).

Para fazer uma leitura coerente, que respeite as características do texto e se apreenda a mensagem que ele traz, quer seja doutrina, princípio, narrativa, epístola, poesia etc., é necessário apelar para as Leis da Hermenêutica que nos auxiliam a construir o sentido, a compreender o conteúdo, a descobrir as intenções do autor. O texto bíblico é riquíssimo em traços literários e traços experienciais. Por isto não pode ser lido de forma racionalista (haja vista que já conhecemos a origem de sua mensagem), mas numa intenção de reativar fatos já vividos, reais, de relembrar a história,

interpretar as experiências e fazer as devidas observações para, enfim, dela se apropriar e guardar os mandamentos, as lições de vida nela contidas.

As Sagradas Escrituras estão repletas de narrativas com estas finalidades. Quase um terço do Antigo Testamento, é formado por livros históricos e mais da metade do Novo é composto deles. Sendo assim, é extremamente significativo aprender a ler a história bíblica, com um olhar mais aguçado e buscar a proposição divina ao nos comunicar aquele fato ocorrido.

A lembrança da memória dos mandamentos do Senhor e a importância da obediência, por exemplo, estão contidos no livro histórico de Deuteronômio:

1º Discurso	Dt (1-4)	Compromisso com a obediência à Lei e aos seus estatutos.
2º Discurso (1ª parte)	Dt 5-11)	Deus conhece o coração de Seu povo e seu propósito é que O ame com todas as forças e entendimento.
2º Discurso (2ª parte)	Dt 5-11)	A obediência é necessária, porque as bênçãos e maldições da aliança estão previstas em 28.47.
3º Discurso	Dt (29 -30)	Nosso coração é convencido e o homem pode ver a seriedade que está diante de si no que diz respeito à obediência aos mandamentos divinos.

Tabela 2- Os três discursos de Deuteronômio

A narrativa no livro de Rute, por exemplo, faz o relato da história de uma moabita e, simultaneamente, traz recor-



dações relativas à Lei sobre a redenção da terra (Lv. 25), considera as disposições referentes à Lei do Levirato⁴ (Dt 25), estabelece como deve se dá a prática das colheitas de espigas caídas como está revisto em Lv 19 e 23 e, também, prevê a proibição ao envolvimento com os moabitas⁵ (Dt 23).

Observa-se, nestes contextos apresentados, a solidez que a experiência confere aos mandamentos, pois verifica-se a possibilidade da garantia de seu cumprimento, de sua prática. Não se trata apenas de uma letra morta. Como disse o apóstolo Paulo, que só teve a realidade de suas vivências transformada, quando teve uma experiência dramática com Deus.

O triunfalismo da razão humana perde a sua posição para a vívida presença do Senhor da Palavra, cujas sentenças ecoam nas mais sublimes alturas e convida os homens a buscarem o verdadeiro caminho que conduz à Pátria Celestial. Para Starling (2019, p.75-76), “o povo de Deus deve ler a história bíblica por causa de sua função como testemunha dos acontecimentos da história do mundo e, também, por causa da forma como funciona na economia canônica da comunicação divina relacionada à aliança.”

A experiência de um homem transformado que lê a Escritura, anima a Escritura, dá-lhe vida, ressignifica o que está registrado no texto, reconstrói a mensagem. É isto o que acontece nos segmentos pentecostais, nos quais a experiência é vista como instância de construção da Teologia. O estudioso Donald Dayton (2018, p.55) afirma que a neces-

4 Costume, entre os povos primitivos, que constringe um homem a casar-se com a viúva de seu irmão quando este não deixa descendência masculina. Mantido entre o povo hebreu e na Lei de Moisés.

5 Povo nômade que se estabeleceu nas planícies da Jordânia, ao longo da margem oriental do Mar Morto, no período de XIII a.C. Moabe, descendente (filho) de Ló, era inimigo dos israelitas. Após vários conflitos, a nação moabita, foi subjugada por Davi.

cidade de experiência pessoal como tradição no Pentecostalismo inspira a hermenêutica subjetivante, o que também remete ao Pietismo⁶. Ou seja, esta experiência subjetiva aponta

para o drama da raça – Criação, Queda e Redenção, a ser repetido individualmente na vida de cada pessoa. Segundo a ótica petista, o verdadeiro nascimento de Cristo corresponde ao seu nascimento em nossos corações, a sua autêntica morte está relacionada ao seu morrer em nosso interior e a sua ressurreição diz respeito ao triunfo de nossa fé. (Claude Welch, 1972, *apud* Dayton, 2018, p.55)

O texto bíblico é um texto vivo, instrumento de transformação. A Igreja é a casa da fala, onde se constrói experiências, com base no texto bíblico, sob a direção do Autor do texto: o Espírito Santo. Tendo em vista que, para Lutero, a Bíblia era o livro do Espírito Santo, o veículo do Espírito. Atualmente, já se comenta em acrescentar mais um elemento aos cinco princípios/pilares fundamentais da Reforma Protestante: *Solus Spiritu Sancti*.

Dayton prossegue reafirmando:

Pentecostais leem os relatos de Lucas e Atos e insistem que o padrão geral da recepção do Espírito Santo pela Igreja Primitiva deve ser repetido individualmente na vida de cada pessoa crente, especialmente por ela estar de certa forma distan-

6 Movimento que se originou do Luteranismo, enfatiza e valoriza a experiência individual de cada crente. Surgiu no séc. XVII com o fim de se opor à ortodoxia luterana negligente. Deu primazia à fé diante da razão, enfatizou o sentimentalismo e o misticismo na experiência religiosa, desprezando o racionalismo.



ciada no tempo da experiência de Jesus Cristo vivida pela própria Igreja (DAYTON, 2018, p.55).

A promessa de batismo no Espírito Santo, cumprida em At 2. 1-38, deixa claro que esta experiência se repetiria como se vê em At 2.39 (ACF): “Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar.” Ou seja, todos aqueles que a desejassem e cressem, seriam alcançados. Em At 19.2,6 (ACF), Paulo interroga os efésios a respeito desta promessa, que eles desconheciam: “E disse-lhes: Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes? E eles disseram-lhe: Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo. [...] E impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam.”

Portanto, observa-se biblicamente, que a promessa antecedeu a experiência e sempre ocorreu da mesma forma, com os mesmos sinais. Sendo assim, a Palavra do Senhor é a autoridade que delimita os princípios e as normas pelas quais devem ocorrer ou exercer determinadas experiências. É impossível partir de uma experiência pessoal para estabelecer como regra de fé e prática, porque as tais já foram propostas pelo Senhor da Palavra. Paulo não determinou como seria a experiência, apenas interrogou aqueles homens se já tiveram uma experiência pessoal com o Espírito Santo e a Terceira Pessoa da Trindade agiu da forma que lhe aprouve.

Há um ditado popular que diz: “Maravilhosas coisas na Bíblia se vê, coisas colocadas ali por mim e por você”

Isto vem ocorrendo, frequentemente, entre os salvos, principalmente entre os neopentecostais, cuja composição, às vezes, é formada por pessoas que preferem inovações e, para isto, distorcem o sentido do texto bíblico ao seu bel-prazer, forçando-o para tentar comprovar uma heresia.

Entre os pentecostais, isto também ocorre. A autora deste texto, numa ocasião, em conversa informal, soube de um irmão, simples, com dificuldades na leitura, que abordou o pastor dizendo que Deus lhe ordenara que abrisse uma igreja. Intrigado, o pastor, quis saber o motivo. Surpreso ficou quando lhe foi apresentado o texto de II Sm 18.33 (ACF): “Meu filho Absalão, meu filho, meu filho, Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!”

Já houve uma ocorrência um de pai que matou os seus filhos por causa do Sl 137.9 (ACF): “Feliz aquele que pegar em teus filhos e der com eles nas pedras.” Na verdade, o texto fala da vingança aos babilônios.

Estas situações foram citadas para ilustrar, por meio de fatos verídicos, que o texto bíblico deve ser analisado em seu contexto. A leitura irresponsável e descuidada só pode trazer resultados desastrosos. A Bíblia não contradiz os seus ensinamentos. Portanto, é preciso avaliar cada promessa, doutrina, pensamento, etc, à luz de tudo que já está escrito. O Espírito Santo não amplia o que a Escritura disse, nem a contraria. A fé e a razão são os veículos que conduzem à compreensão do texto, a dissociação delas conduzem à interpretações equivocadas e dissociadas do propósito da escrita. Está claro que não se recomenda tratar razão e racionalismo como termos sinônimos no contexto cristão, haja vista que Paulo sugere o culto racional como indispensável ao relacionamento com Deus:

Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis



qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus. (Rm 12:1,2- ACF)

O racionalista faz a sua leitura com as lentes da incredulidade, questionando o que está escrito, buscando evidências que não existem, como a Teologia Liberal e filósofos existencialistas, tais como Nietzsche que afirmava que o Cristianismo tornou-se um Paulinismo, com a finalidade de desacreditar a doutrina de Cristo. A verdadeira fé contribui para uma transformação na forma de crer e pensar, sem admitir reflexões errôneas que denigram a pessoa de Cristo e o Seu Evangelho.

Ao contrário daqueles que aderiram ao ceticismo e, conseqüentemente, à descrença da concessão do dom do Espírito Santo, os conhecidos cessacionistas, que limitam o sobrenatural aos tempos apostólicos. Há os pentecostais que, segundo as afirmações de Donald Dayton (2018, p.54), leem o Novo Testamento pelos olhos de Lucas, especialmente com as lentes do livro de Atos dos Apóstolos. Walter J. Hollenweger também comenta: “Os pentecostais e seus predecessores basearam suas opiniões quase que exclusivamente no Evangelho de Lucas e nos Atos dos Apóstolos.” (HOLLENWEGER, 1965-1967 *apud* DAYTON, 2018, p.54).

César Carvalho também menciona o teólogo pentecostal Robert Menzies (2016, p.96), explicando a polaridade que alguns estudiosos estabelecem entre Paulo e Lucas, os quais enfatizam que os textos de Paulo são dotados de um caráter mais didático e, portanto, mais teológico, o que lhe concede mais consistência teórica e traz consigo as premissas basilares do Cristianismo. Os textos de Lucas – Atos são de caráter histórico e narrativo e, por isto, não ampliam os saberes teológicos relativos ao Cristianismo, apenas os experienciais, os quais ficam na superficialidade.

Essa ênfase paulina moldou, em grande medida, o movimento evangélico. Em outro texto, esbocei que os evangélicos, em reação instintiva à erudição liberal que contestou a confiabilidade histórica dos escritos de Lucas, rejeitaram a noção de Lucas era teólogo. Os evangélicos sustentaram que Lucas e os outros evangelistas não eram teólogos; eram historiadores. Dos círculos evangélicos, toda discussão sobre o propósito teológico de Lucas e sua narrativa emudeceu. Os evangelhos e Atos eram vistos como registros históricos, não narrativas que refletem preocupações teológicas autoconscientes. Claro que essa abordagem criou essencialmente um cânon dentro do cânon e, ao dar a Paulo posição de honra como “teólogo” do Novo Testamento, teve um efeito significativamente paulino na teologia evangélica. Agora os evangélicos estão apenas começando a entrar em acordo com a significância teológica das narrativas bíblicas. (MENZIES, 2016, p.96 *apud* CARVALHO, 2017, p.220)

O papel deste artigo, neste momento, é provocar e ouvir o contraditório para que a comunidade cristã perceba e se avalie no que diz respeito às suas referências, porque este é o resultado do triunfalismo da razão humana: o questionamento da validade, do mérito, da autoridade, do prestígio daquele ou de outro autor dos Escritos Sagrados, como se houvesse um livro mais interessante ou essencial que o ulterior.

O livro de Atos é um livro histórico, meramente não descritivo ou didático como as epístolas. Trata-se de uma narrativa, repleta de experiências, mas não deixou de apresentar um texto de caráter didático-doutrinário, como At. 15, quando a Igreja realiza seu primeiro Concílio e estabelece



algumas resoluções seguidas pela Igreja até a atualidade. Doutrina que é ensino e gera comportamento, da mesma forma que era expresso nas epístolas de Paulo. Embora não ficasse evidente no texto, havia uma doutrina que evidenciava o *modus vivendi* do povo de Deus, que foi reconhecido como cristão porque seguia a doutrina de Cristo e dos apóstolos:

E sucedeu que todo um ano se reuniram naquela igreja, e ensinaram muita gente; e em Antioquia foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos. (Atos 11:26- ACF)

E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações. (Atos 2:42- ACF)

Segundo a tradição, Lucas se converteu através da pregação de Paulo, e, também revela que ele era de Antioquia. O único gentio que contribuiu para a escrita da Bíblia, era de formação paulina. É por isto que o seu texto continha elementos dos ensinamentos de Paulo que havia recebido, diretamente do Senhor, a revelação teológica que haveria de compor as suas epístolas:

Porque, persuado eu agora a homens ou a Deus? ou procuro agradar a homens? Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo. Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens. Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo. Porque já ouvistes qual foi antigamente a minha conduta no judaísmo, como sobremaneira perseguia a igreja de Deus e a assolava. E na minha nação ex-

cedia em judaísmo a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais. Mas, quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela sua graça. Revelar seu Filho em mim, para que o pregasse entre os gentios, não consultei a carne nem o sangue, Nem tornei a Jerusalém, a ter com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco (Gl 1:10-17- ACF).

Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei (I Co 11:23 - a - ACF)

O apóstolo deixou bem claro que teve momentos de intimidade com Deus, experiências pessoais, que lhes deram condições para escrever as epístolas. Foi usado por Deus, em suas peculiaridades, para dar esta vultosa contribuição à doutrina cristã. Lucas e Atos foram escritos cerca de 60-63 d.C. Período no qual foram escritas, concomitantemente, as epístolas. As únicas, escritas, em período posterior, foram as epístolas pastorais, Timóteo e Tito (63-66 d.C). Lucas é um Evangelho e Atos é o segundo volume, baseado na teologia de Paulo. É visível a influência de Paulo na vida de Lucas e o estreito relacionamento que mantinham: “Saúdam-vos Lucas, o médico amado, e Demas (Col 4:14- ACF). “Só Lucas está comigo. Toma Marcos, e traze-o contigo, porque me é muito útil para o ministério” (II Tm 4:11- ACF).

Para o leitor atento, do foco narrativo, em primeira pessoa, fica evidente que é necessário terminar com a polarização, porque, embora se trate de gêneros literários diferentes na forma, a premissa e o pilar são os mesmos. Ambos se complementam: Paulo evidencia a razão e Lucas, a praticidade. O didatismo no gênero epistolar é de um caráter mais racional e descritivo, com base na inspiração e revelação,



enquanto a narrativa, não encontrada nas epístolas, contém ensinamentos em meio à experiência narrada por Lucas.

Os cessacionistas dão às epístolas um valor atemporal e perene; para Atos, uma narrativa meramente histórica e passageira. No entanto, já foi provado, acima, que Lucas foi doutrinado por Paulo e foi esta base teórica que norteou sua escrita, sua narrativa. Enquanto se davam os fatos de Atos, as epístolas foram escritas. Paulo nunca menosprezou a atuação do Espírito. Antes, estimulava os cristãos a buscarem, recomendando: “Não extingais o Espírito” (I Tes 5:19- ACF). Esta sugestão está na forma imperativa e não está restrita apenas aos cristãos daquela época.

Como os cristãos da Igreja Primitiva poderiam viver dois cristianismos? De Paulo ou de Lucas? Se as epístolas foram escritas na mesma época que as narrativas de Atos?

Enquanto os cristãos vivenciavam a doutrina, ensinada por Paulo, os milagres aconteciam e o Espírito Santo atuava na Igreja do Senhor. As epístolas foram estruturadas sob um fundamento espiritual, na revelação do Senhor, sem justificativas filosóficas humanas, embora Paulo tivesse formação estoica:

E a minha palavra, e a minha pregação, não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder; Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus. Todavia falamos sabedoria entre os perfeitos; não, porém, a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que se aniquilam; mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória (I Co 2:4-7- ACF).

Lucas, de formação científica, escreveu o Evangelho com base no método científico, estruturando-o racionalmente, pois a sua revelação foi das testemunhas que vivenciaram os milagres e ensinamentos de Cristo e dos discípulos:

Tendo, pois, muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram, segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio, e foram ministros da palavra, pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti, ó excelente Teófilo, por sua ordem, havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio; Para que conheças a certeza das coisas de que já estás informado (Lc 1:1-4- ACF).

Paulo também se manifestou contra a polarização, porque os cristãos aderiram a um Evangelho, cuja leitura é mediada pelo Espírito Santo:

Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados para a comunhão de seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor. Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes sejais unidos em um mesmo pensamento e em um mesmo parecer. Porque a respeito de vós, irmãos meus, me foi comunicado pelos da família de Cloé que há contendas entre vós. Quero dizer com isto, que cada um de vós diz: Eu sou de Paulo, e eu de Apolo, e eu de Cefas, e eu de Cristo (I Co 9-12 - ACF).



O Livro do Senhor é completo, não é passível de questionamentos de ordem dúbia quanto à sua autenticidade e validade. Portanto, toda experiência, doutrina, poesia são imprescindíveis para comunicar os mistérios divinos: “Buscai no livro do Senhor, e lede; nenhuma destas coisas faltará, [...] porque a minha boca tem ordenado, e o seu Espírito mesmo as tem ajuntado” (Is 34:16- ACF).

NARRATIVA (Lc 22.15-20)	DOCTRINA (I Co 11.26-33)
“ <u>E</u> disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta Páscoa, antes que padeça, porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no Reino de Deus.	“ <u>Porque</u> todas as vezes que comeres este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor até que venha.
<u>E</u> tomando o cálice e havendo dado graças, disse : Tomai-o e reparti-o entre vós, [...]	<u>Portanto</u> , qualquer que comer este pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor.
<u>E</u> tomando o pão e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado: fazei isto em memória de mim.	Examine-se, <u>pois</u> o homem a si mesmo, e assim coma deste pão, e beba deste cálice. <u>Porque</u> o que come e bebe indignamente, come e bebe <u>para</u> a sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor. [...]
<u>Semelhantemente</u> , tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós.”	<u>Portanto</u> , meus irmãos, quando vos ajuntais para comer, esperai uns pelos outros. Mas, se alguém tiver fome, coma em casa, <u>para que</u> vos não ajunteis para condenação.”

Tabela 3- Narrativa e doutrina

A análise dos textos de Lucas 22.15-20 e I Co 11.26-33-ACF, como se vê, abordam o mesmo tema: a Santa Ceia. Sob dois prismas diferenciados, a estrutura da narrativa de Lucas traz implícita a doutrina que possibilita a realização deste momento ímpar do qual a Igreja do Senhor participa. A epístola de Paulo descreve como deve ser esta reunião, o seu significado, sem apoiar-se em sabedoria humana (do Senhor recebeu e ensinou – I Co 11.23 - ACF). É inegável que não encontremos elementos de narrativa neste texto da epístola paulina.

No texto narrativo, observa-se a predominância da conjunção aditiva **E**, apropriada para quem faz uma narração e sempre está adicionando mais um elemento. Acrescendo o advérbio de modo **Semelhantemente** para dar uma prévia finalização à história contada. No texto epistolar, de caráter mais racional e doutrinário, verifica-se a frequência da conjunção explicativa **porque, para e pois**, cuja finalidade é explicar as razões do rito; da conjunção conclusiva **portanto**, cujo propósito é relacionar os elementos apresentados antes e, reunindo-os, explicar a resolução do problema apresentado, ou seja, o que está diante dos olhos.

Jesus utilizou as narrativas como recurso didático para os seus ensinamentos, porque as tais capturam a atenção, despertam a imaginação, provocam emoções e inspiram a mente a buscar novos saberes. Além disto, Cristo fazia destas narrativas (parábolas) de instrumentos para instruir as pessoas no que diz respeito ao Reino de Deus e à moralidade. Por meio deste atraente instrumento, convenciam os homens a assumir uma nova história. Narrativas que continham doutrinas!

Avaliar a linguagem do autor (o lado gramatical) e o pensamento do autor (análise do discurso) é o trabalho que deve ser feito pelo bom hermenêuta. No entanto, o estudioso, intérprete do texto sagrado deve estar atento aos perigos da livre interpretação e da compreensão do texto baseada apenas em experiências. Sobre este assunto far-se-á um exame minucioso com base em três autores e, em seguida, será avaliado a partir do que já expresso anteriormente:



Proposta 1	Proposta 2	Proposta 3
<p>Dessa forma desafiamos o protestantismo a reconsiderar seu intelectualismo excessivo e a descobrir os reinos proibidos [pelo racionalismo] da imaginação, da emoção, da narrativa e da experiência.</p> <p>(MCGRATH, 2012, p.425 <i>apud</i> CARVALHO, 2017, p.54)</p>	<p>Por último, as experiências do Espírito Santo na atualidade, sua importância e significação simbólica. Nesse sentido, os sacramentos são ressignificados, pois o falar em línguas passa a ser um “sacramento” dos (e para os) pentecostais (OLIVEIRA & TERRA, 2018, p.113)</p>	<p>Experiência é qualquer conhecimento obtido por meio dos sentidos. O toque, a visão, a audição e até o paladar – usado na Ceia do Senhor – encontram espaço no processo de conhecer a Deus na tradição judaico-cristã. Os sentidos provocam emoções. É impossível lidar com o sentimento sem movimento ou agitação. [...] Trata-se de uma percepção íntima de uma verdade abstrata (SIQUEIRA, 2019, p.53)</p>

Tabela 4- Narrativa e experiência

Os milagres, no Pentecostalismo, são resultados das experiências pessoais que as pessoas tiveram, primeiramente com Cristo e, posteriormente, com os apóstolos, os quais alcançaram a Promessa e fizeram sinais, que podem ser realizados por todos aqueles que crerem e buscarem o Poder do Alto:

E estes sinais seguirão aos que crerem: Em meu nome expulsarão os demônios; falarão novas línguas; pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão. Ora, o Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus. E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram. Amém (Mc 16:17-20- ACF).

Está esclarecido que estas experiências envolvem os órgãos dos sentidos, pois é por meio do corpo que se estabelece contato com o mundo exterior, mas a apreensão dos dons, a

revelação e a recepção da promessa, se dá por meio da fé e envolve o aspecto racional, não físico. Paulo defendia que todas as nossas ações deviam ter um propósito maior: “Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus” (I Co 10:31- ACF). Por isto, não há possibilidade de mesclar o que é santo com o que é impuro, o que é da Terra com o que tem procedência celestial, os dons de Deus com os dons humanos etc.

O ato de falar em línguas foi tratado como um sacramento, o que se trata de um equívoco sem medidas, porque segundo a Igreja Católica o sacramento é um rito por meio do qual a graça de Deus é concedida. Pode alguém falar línguas estranhas e receber a graça divina, o favor imerecido de Deus?

Como exemplos disto, segundo a igreja citada, o batismo e a santa ceia são sacramentos. Através do batismo, dizem que o pecado original é retirado e a pessoa passa a pertencer à salvação. É a graça de Deus que perdoa pecados. O batismo não perdoa pecados. Mas “o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.” (I Jo 1:7- ACF). Este grupo alega que, na Eucaristia, a pessoa se alimenta para entrar em comunhão e ser santificada, no entanto somente participa da Santa Ceia porque está em comunhão. Nenhum ritual humano concede ou gera o efeito da graça de Deus. O ritual não atrai a graça de Deus, mas “os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus” (Sl 51:17- ACF)

A Santa Ceia e o Batismo são ordenanças para a Igreja de Cristo, mas não garantem a salvação. A Bíblia diz que “em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.” (At 4.12- ACF) Portanto, não adianta apelar para subterfúgios da graça comunicativa de Deus, tal como vemos na proposta de Siqueira:



João Calvino definiu **sacramento** como “**um símbolo externo** com o qual o Senhor sela em nossas consciências as promessas de sua benevolência para conosco, a fim de dar sustentação à fraqueza de nossa fé e de que testemunhemos, por nossa vez, diante dele e dos anjos e entre os homens, nossa reverência para com Ele”. Diante desse conceito, o falar em língua **enquanto sinal corriqueiro do Batismo no Espírito Santo, tem a força de um sacramento**. Embora, seja não um sacramento palpável, o falar em língua tem a “forma visível (ou audível) de uma graça invisível”. O falar em línguas, enquanto sinal, sempre desperta a memória da congregação que o Espírito Santo nos capacita a anunciar o Evangelho. (Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/a-glossolalia-o-sacramento-pentecostal/>. Acesso em 25 jan. 2020)

Mais uma vez se observa a afirmação que a concessão das línguas no momento do batismo no Espírito Santo “tem a força de um sacramento”. Ora, já foi verificado, diversas vezes, nas Escrituras, que as línguas são o sinal externo de que a pessoa recebeu o dom do Espírito Santo, de que houve ação divina na vida de alguém e de que não há necessidade de ritual algum para que alguém receba o batismo com Espírito Santo.: [...] maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios. Porque os ouviam **falar línguas**, e magnificar a Deus (At 10:45,46- ACF). “E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e **falavam línguas**, e profetizavam” (At 19:6 - ACF).

Falar línguas não era um sacramento, nem um sinal da graça divina que salva; porque o batismo com Espírito Santo não salva, mas todo salvo pode ser batizado com Espírito Santo.

Além disso, todos os sacramentos relacionados pela Igreja Católica estão associados a algum ritual. Esta é a definição da Igreja Católica que confirma o que já foi exposto e aponta estes pensamentos conflitantes que estão surgindo no seio da Igreja do Senhor:

Os sacramentos da nova lei foram instituídos por Cristo e são sete, a saber: o Batismo, a Crisma ou Confirmação, a Eucaristia, a Penitência, a Unção dos Enfermos, a Ordem e o Matrimônio. Os sete sacramentos atingem todas as etapas e todos os momentos importantes da vida do cristão: dão à vida de fé do cristão origem e crescimento, cura e missão. Nisto existe certa semelhança entre as etapas da vida natural e as da vida espiritual. (CIC 1210)

O que é um Sacramento?

É lembrança de coisas sagradas. É um sinal, um gesto ou uma palavra que torna perceptível, sensível, visível e audível a presença do Cristo invisível entre nós. Os sacramentos, como sinais visíveis, estão acessíveis à nossa humanidade atual.

Realizam eficazmente a graça que significam em virtude da ação de Cristo e pelo poder do Espírito Santo (cf. CIC 1084).

Resumindo o pensamento da Igreja, podemos dizer que os sacramentos são sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, por meio dos quais nos é dispensada a vida divina. Os ritos visíveis sob os quais os sacramentos são celebrados significam e realizam as graças próprias de cada sacramento. Produzem fruto naqueles que



os recebem com as disposições exigidas.

(Disponível em: www.arquidiocesede.goiania.org.br. [file:///C:/Users/Isaque12/Downloads/os-se-te-sacramentos-0091332.pdf%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Isaque12/Downloads/os-se-te-sacramentos-0091332.pdf%20(3).pdf). Acesso em 25 jan 2020.)

Sendo assim, fazer Teologia exige pensamento comprometido com a Palavra, sem criatividade e criticidade aos pressupostos da Palavra de Deus. O conhecimento bem estruturado é o ponto de partida para dar início a um ministério profícuo e eficaz. Que muitos tenham a prazer de subir as escadas da sabedoria precedida pelo temor a Deus!

140

Starling (2019, p.28) afirma que há “duas tarefas do ouvinte que não devem ser divorciadas: experimentar o que a Palavra faz, vai de mãos dadas com determinar o que as Escrituras significam.” E Tiago confirma:

E sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não cumpridor, é semelhante ao homem que contempla ao espelho o seu rosto natural; Porque se contempla a si mesmo, e vai-se, e logo se esquece de como era. Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecediço, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito (Tg 1:22-25 -ACF).

Quem prega e estuda também deve experimentar. Porque o texto bíblico está vivo entre nós....” Para sempre, ó Senhor, a tua palavra permanece no céu” (Sl 119:89 -ACF). A di-

menção eterna e perene conferida a esta Palavra convence o homem a se apropriar, adequar-se aos seus preceitos. Sem invencione!

Alguns autores valem-se de teorias seculares recentes para estudar a Bíblia Sagrada, o que, nem sempre, combina com a mesma, porque os preceitos divinos são mais altos que possamos atingir: “Tal ciência é para mim maravilhosíssima; tão alta que não a posso atingir” (Sl 139:6 - ACF). O que parece causar certos ruídos na comunicação, quando se refere a uma obra aberta que possibilita diversas interpretações e apela para o subjetivismo. No entanto, é preciso reter o que é bom e isolar o que não combina. Neste instante será de bom tom para se manter a concórdia entre o povo do Senhor, orientar acerca das melhores formas de se interpretar e se manter uma atitude respeitosa com o texto bíblico.



Proposta 1	Proposta 2	Proposta 3
<p>Se desejarmos produzir uma teologia narrativa tipicamente pentecostal, não podemos nos esquecer da ciência cuja preocupação exegética se estabelece na narratividade da Bíblia [...] Os métodos da Teoria Narrativa são inspirados pelos linguistas modernos que demonstraram, por meio da análise sincrônica da linguagem, como a narrativa desenvolve manifestações de oposições e combinações de elementos básicos[...] Observando na narrativa suas expressões de tempo, personagem, enredo, enquadramentos, o narrador, o autor, etc. pode-se observar, em nível narrativo, como as memórias, na relação diacrônica (as que se perenizaram) e sincrônicas (contemporâneas) se interpassaram para a produção de sentido e interpretação de mundo na semiosfera em que determinada narrativa se insere.</p> <p>(MESQUIATI & TERRA, 2018, p. 75)</p>	<p>A narrativa tem então uma importância indiscutível, pois dos seis elementos elencados por Michael Palmer “que compõem uma cosmovisão, a narrativa e a experiência são dois deles. Após dissertar acerca da ideologia como o primeiro dos seis elementos, o referido autor diz que nas cosmovisões bem desenvolvidas, o papel da ideologia é crucial, mas a pessoa comum encontra pouco deleite ou estímulo em navegar em suas complexidades e distinções de nuances [...] as narrativas, ao contrário, atraem e capturam a imaginação. Inspiram não só a mente, mas também as emoções [...] desafiam os ouvintes a visionar e vicariamente sentir o que seria vivenciar o conteúdo ideológico da cosmovisão [...] As narrativas são uma característica bem reconhecida das cosmovisões religiosas.”</p> <p>(PALMER, 2001, p.38 <i>apud</i> CARVALHO, 2017, p.242)</p>	<p>A narração é um exemplo de processo literário experiencial que ajuda na compreensão de verdades e pressupostos que nem sempre vem à luz de maneira evidente pelo texto sistemático ou proposicional. A Bíblia é recheada de narrativas. Boa parte da compreensão sobre o revestimento de poder defendida pelo pentecostalismo vem de textos narrativos onde o Espírito Santo capacita homens e mulheres para o serviço de proclamação. O leitor pentecostal não lê apenas a narrativa como um dado informativo e histórico, mas também como um incentivo a buscar o mesmo tipo de experiência. Como lembra a teóloga alemã Bárbara Andrade “o testemunho narrativo envolve o ouvinte na narração – interessa, fascina e desperta recordações que podem, na sequência, ser narradas”. A própria vivência experiencial do ouvinte da narrativa, leva-o a compartilhar o mesmo fenômeno com outros.</p> <p>(ANDRADE, 2007, p.22 <i>apud</i> SIQUEIRA,</p>

Tabela 5 – A narrativa bíblica

As três concepções de narrativa que foram propostas pelos por Carvalho, Mesquiati & Terra e Siqueira foram baseadas, de certa forma, em pressupostos teóricos da área da Linguística Textual. O que não invalida, totalmente, a análise. Mas como se trata de obras que analisam a Palavra de Deus e as diferentes formas de proceder à leitura dela, é necessário considerar, em primeira instância que a Bíblia é autointerpretativa.

A leitura do texto bíblico não se fundamenta nos aspectos ideológicos humanos porque o seu autor é o Espírito Santo, como já foi atestado no início. É válido usar teorias recentes desde que não firam os propósitos do texto bíblico, nem coloque em dúvida as mensagens e doutrinas expressas na Palavra de Deus. A mensagem que sustenta este livro é a mesma do princípio ao fim. Embora os anos tenham decorrido, a expressão de amor e de cuidado de Deus foi a mesma com todas as pessoas que fizeram parte das narrativas enunciadas pelo texto. Os períodos históricos sucederam-se, no entanto, as carências e atitudes humanas se assemelharam, porque o ideólogo do livro sagrado não é o homem. Aquele que conhece melhor o homem que ele mesmo é quem pode descrevê-lo.

A cosmovisão (visão de mundo) não pertence a autores humanos porque o Verdadeiro Autor quis comunicar a Sua visão, o Seu propósito, o Seu beneplácito ao estabelecer um plano de resgate para o homem pecador. Plano que está expresso desde o livro de Gênesis a Apocalipse.

Os pentecostais fizeram uma leitura bem proveitosa quando, mediados pela presença do Espírito Santo, receberam a mensagem e se dispuseram a vivenciar o que os apóstolos pregaram, construindo sentido, trazendo à existência o segundo Pentecostes que une e prepara a Igreja para o retorno do Senhor.



CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O processo de leitura possibilita muitas intervenções pessoais, mas o ato de estabelecer sentido para a narrativa bíblica, para compreendê-la e elucidar as estruturas expressivas do texto requer muito mais.

Antes de tudo, é preciso conhecer os estilos literários bíblicos, a forma como o texto se organiza, verificar quais as lições que o Autor reserva e compreender o contexto histórico-gramatical onde se ocorre a narrativa. Estar atento (a) aos ensinamentos que o texto dispensa é imprescindível, pois há princípios e doutrinas, lições de vida para serem assimiladas e internalizadas por quem compartilha e ouve.

A responsabilidade do hermenêuta e do mestre das letras bíblicas é imensa “porque a boca do Senhor o disse” (Is 58:14 c - ACF) e todo texto é um todo coerente, está relacionado a outros textos bíblicos e não pode ser alçado à categorias de análises arbitrárias. A leitura segue uma linha pneumatólogica, porque a vitalidade da fé se apoia no texto.

Nenhum grupo religioso foi ou será infalível na interpretação da Bíblia, porém o assunto deve ser considerado com seriedade porque muitas crenças tem surgido a Bíblia não é um livro de fácil interpretação. Por isto deve-se menosprezar a subjetividade e considerar o próprio contexto bíblico para compreender o tema em estudo. Através do ensino bíblico sem subterfúgios, seguido de oração, fé, humildade, consagração, quebrantamento e pregação evangelística que reverencie a Palavra de Deus para nortear as crenças e a prática.

E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração;

E as ensinarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e

deitando-te e levantando-te.(Dt 6:6,7-ACF)

Os quais temos ouvido e sabido, e nossos pais no-los têm contado.

Não os encobriremos aos seus filhos, mostrando à geração futura os louvores do Senhor, assim como a sua força e as maravilhas que fez.

Porque ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e pôs uma lei em Israel, a qual deu aos nossos pais para que a fizessem conhecer a seus filhos;

Para que a geração vindoura a soubesse, os filhos que nascessem, os quais se levantassem e a contassem a seus filhos;

Para que pusessem em Deus a sua esperança, e se não esquecessem das obras de Deus, mas guardassem os seus mandamentos. (Sl 78:3-7-ACF)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARQUIDIOCESE de Goiânia. **Os sete sacramentos**. Disponível em: [www.arquidiosede.goiania.org.br. file:///C:/Users/Isaque12/Downloads/os-sete-sacramentos-0091332.pdf%20\(3\).pdf](http://www.arquidiosede.goiania.org.br/file:///C:/Users/Isaque12/Downloads/os-sete-sacramentos-0091332.pdf%20(3).pdf). Acesso em 25 jan 2020.

BANCROFT, E. H. D.D. **Teologia Elementar: doutrinação e conservadora**. São Paulo: Editora Batista Regular, 1995

BERGSTÉN, Eurico. **Introdução à Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

BÍBLIA, Português. Almeida rev. e cor. Fiel. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/>. Acesso em 25 jan.2020.

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Compilada e redigida por Donald Stamps. Trad. de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e cor. Rio de Janeiro: CPAD e Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

CARVALHO, César Moisés. **Pentecostalismo e pós-modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à Teologia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

DAYTON, Donald. **Raízes teológicas do Pentecostalismo**. Natal – RN: Carisma, 2018.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GOMES, Samuel S. **Os três tipos de doutrinas**. Disponível em: <https://blogtentendes.wordpress.com/2017/01/30/os-tres-tipos-de-doutrinas/>. Acesso em 22 jan 2020.

HENRICHSEN, Walter A. **Princípios de interpretação da Bíblia**. 8.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

OLIVEIRA, David Mesquiati de & TERRA, Kenner R. C. **Hermenêutica e experiência pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica.** Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SIGNIFICADO de princípios. **O que são princípios.** Disponível em: <https://www.significados.com.br/principios/>. Acesso em 22 jan 2020.

SIQUEIRA, Gutierres. **A glossolalia: o sacramento pentecostal.** Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/a-glossolalia-o-sacramento-pentecostal/>. Acesso em 25 jan.2020.

SIQUEIRA, Gutierres. **O Espírito e a Palavra.** Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

STARLING, David I. **Hermenêutica: a arte da interpretação ensinada pelos próprios escritores bíblicos.** Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica Avançada: princípios e processos de interpretação bíblica.** São Paulo: Vida, 2001.

